



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Transformações contemporâneas no mundo do trabalho e exploração da força de trabalho

A EXPANSÃO DO TRABALHO DE ENTREGAS POR APLICATIVOS NO MUNICÍPIO DE BELÉM-PARÁ: UMA ANÁLISE DE SEUS PRINCIPAIS DETERMINANTES

BIANCA NEVES ARNAUD ¹

VERA LÚCIA BATISTA GOMES ²

RESUMO:

Este artigo analisa os determinantes da expansão do trabalho de entregas por aplicativos no município de Belém-Pará; baseado em dados de uma pesquisa empírica com 20 entregadores/as por aplicativos, os resultados apontam múltiplos determinantes influenciando na expansão deste trabalho: desemprego estrutural; contrarreformas trabalhistas; difusão ideológicas que mascaram a precarização do trabalho.

Palavras-Chave: Crise estrutural do capital. Transformações no mundo do trabalho. Plataformização do trabalho. Uberização. Entregas por aplicativos.

ABSTRACT:

This article analyzes the determinants of the expansion of app delivery work in the municipality of Belém-Pará; based on data from an empirical survey with 20 app delivery people, the results point to multiple determinants influencing the expansion of this work: structural unemployment; labor counter-reforms; ideological diffusion that mask the precariousness of work.

Keywords: Structural crisis of capital. Transformations in the world of work. Work platformization. Uberization. App deliveries.

¹ Universidade Federal do Pará

² Universidade Federal do Pará

The equipment is the only one in Maranhão, which distributes free meals (lunch) to the population referred by the Social Assistance Reference Center (CRAS) of the territory.

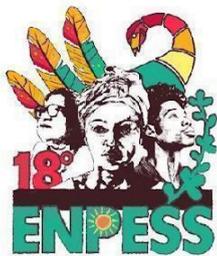
Keywords: Food Safety; Public Food and Nutrition Security Equipment; Communal Kitchen.

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de 1970, o mundo do trabalho vem sofrendo profundas transformações, em decorrência da crise estrutural do capital que tem demandado a criação de estratégias para a recuperação das taxas de lucro, tais como: o processo de reestruturação produtiva e as novas formas de gestão das relações de trabalho, associados aos avanços tecnológicos e ascensão do neoliberalismo. Trata-se, então, segundo Antunes (2015) de uma nova morfologia do trabalho, uma nova polissemia, na qual tanto o trabalho quanto a classe trabalhadora ganham sentidos, cada vez mais, nefastos. Neste contexto, o trabalho regulamentado e protegido segue em constante diminuição, em decorrência do aumento do trabalho desprotegido, flexibilizado e sem vínculos empregatícios, atingindo, profundamente, toda a classe trabalhadora: tanto aqueles/as que possuem vínculo empregatício formal, quanto os(as) que precisam vender a sua força de trabalho para garantir a sua sobrevivência.

Entende-se, assim, que o processo de reestruturação produtiva do capital baseado nos avanços tecnológicos e nas novas formas de gestão da força de trabalho que têm por base a programática neoliberal, sob a égide da financeirização do capital mundializado, se imbricam provocando diversas transformações no mundo do trabalho: Por um lado geram processos de intensificação da exploração da força de trabalho e, por um lado, o aumento exponencial no número de desempregados(as), resultando em novas formas de precarização no mundo do trabalho.

É neste solo histórico de transformação, precarização e desregulamentação do trabalho marcado pela expropriação dos direitos sociais e trabalhistas que se situa o trabalho de entregas por aplicativos, inserido nos fenômenos da plataformização e uberização do trabalho. Entende-se que esta nova forma de trabalho se constitui estratégica para o capital intensificar a exploração da força de trabalho e auferir lucros mediante a desproteção trabalhista, social e previdenciária da classe trabalhadora.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Sendo assim, o trabalho de entregas por aplicativos se caracteriza pela ausência de direitos sociais, trabalhistas e previdenciários, nos quais os(as) trabalhadores(as) são categorizados(as) como prestadores(as) de serviços, não possuem vínculo com as empresas/aplicativos, porém, seguem subordinados(as) pela vigilância e controle destas, tendo que arcar com todos os custos e riscos que essa atividade os predispõe. Contudo, apesar da notória precarização laboral e social, contraditoriamente, este trabalho segue em constante expansão.

A expansão do quantitativo de entregadores(as) por aplicativos pode ser constatada, a partir de dados da realidade, tais como aqueles evidenciados pela Agência Brasil (2023), que fundamentados na PNAD contínua, mostram que o Brasil possuía 1,5 milhão de pessoas trabalhando por meio de plataformas digitais e aplicativos, em 2022. Desse total, 39,5% eram trabalhadores(as) de entregas por aplicativos, o que equivale a um quantitativo de 589 mil pessoas. Dados mais recentes do site Democracia e Mundo do Trabalho em debate, do ano de 2023, revelam que o Brasil tem 1,7 milhão pessoas trabalhando como entregadores(as) ou motoristas de aplicativos.

No estado do Pará, observa-se, também, o crescimento desta forma de trabalho. Segundo a Federação dos Mototaxistas e Motoboys do Estado do Pará (FENAMOTO-PA), estima-se o aumento de 60% do número de entregadores(as) por aplicativos durante a pandemia da COVID-19, na Região Metropolitana de Belém (RMB)¹, conforme pode ser evidenciado pelo relato abaixo:

(...) a pandemia impulsionou o comércio eletrônico em todo o país, via sites e aplicativos, e como consequência fomentou o mercado das entregas, tornando ainda mais difundida a presença de motoboys e bikeboys nas ruas, com suas caixas nas costas. No Pará, o segmento atraiu os jovens que buscam o primeiro emprego, sem encontrar oportunidade formal. A Federação dos Mototaxistas e Motoboys do Estado do Pará (Fenamoto-PA) afirma que as pessoas de 18 a 25 anos representam 70% dos 20 mil trabalhadores do setor na Região Metropolitana de Belém (RMB), considerando tanto os profissionais que utilizam motocicletas (16 mil) quanto os que pedalam nas bicicletas (4 mil) (Dantas, 2021, s/p).

Nota-se, então, que o trabalho de entregas por aplicativos vem crescendo de forma expressiva no decorrer dos anos, se intensificando, sobretudo, no período da pandemia da COVID-19, quando a atividade passou a ser essencial para o consumo de grande parte da população devido à necessidade isolamento social para evitar a propagação do contágio.

¹ Informações disponíveis em:
<https://www.oliberal.com/economia/numero-de-entregadores-de-aplicativos-cresceu-60-durante-a-pandemia-estima-fenamoto-pa-1.416584>

Entretanto, há que se registrar que a ampliação do referido trabalho, não se restringiu, somente, ao referido período, mas, expandiu-se, exponencialmente, a partir dele.

Assim, com o intuito de compreender a expansão desta modalidade de trabalho, o presente estudo se propôs a analisar os determinantes econômicos, políticos e sociais que têm influenciado no aumento do quantitativo do trabalho de entregas por aplicativos, no município de Belém-Pará. Para tanto, utilizou-se dos resultados obtidos em uma pesquisa empírica que subsidiou a elaboração da dissertação de mestrado em Serviço Social de uma das autoras desta comunicação, bem como, de estudos e reflexões sobre a plataformização e uberização do trabalho realizadas no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas Trabalho, Estado e Sociedade na Amazônia vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (GEP-TESA/PPGSS/UFPA).

Salienta-se, assim, que além da presente introdução, o artigo encontra-se estruturado em três partes, a saber: a primeira apresenta contribuições para compreender as transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho e, assim, analisar o fenômeno da plataformização e uberização do trabalho como uma das estratégias para a recuperação da taxa de lucro do capital na contemporaneidade. A segunda que aborda os principais determinantes que têm influenciado na inserção dos(as) trabalhadores(as) no trabalho de entregas por aplicativos em Belém-Pará e, conseqüentemente, em sua expansão; e a última parte que sintetiza as considerações finais, evidenciando que múltiplas determinações influenciam na inserção do(a)s trabalhadores/as, no trabalho de entregas por aplicativos em Belém-Pará, contribuindo, conseqüentemente, para a expansão deste na cidade.

2. A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL E AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO: Breves reflexões sobre a plataformização e uberização do trabalho

A expansão do trabalho de entregas por aplicativos ocorre no contexto da crise estrutural do capital que emerge nos anos de 1970 e se rasteja até os dias atuais, em escala global, implicando no crescimento de trabalhos, cada vez mais, precários, instáveis e inseguros. Assim, para compreender o aumento da referida forma de trabalho tornou-se relevante assimilar, ainda que de forma breve, o cenário de crise do capital e das transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho nas últimas décadas.

A propósito, Mészáros (2011) aponta que não há nada de especial em associar capital e crise, pois, essas são a natureza de existência do capital, constituindo-se maneiras de progredir,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

para além de suas barreiras imediatas e estender sua esfera de operação e dominação. No entanto, a crise do capitalismo na contemporaneidade que emergiu, em meados da década de 1970, suscitada pela tendência decrescente das taxas de lucro, se caracteriza como uma crise estrutural e sistêmica, sem intervalos cíclicos de estagnação e expansão, que afeta o sistema do capital global em todas as suas dimensões fundamentais (Mészáros, 2011).

Assim, pode-se dizer que entre 1974 e 1975 inicia-se uma recessão generalizada em que as crises voltam a ser dominantes, tornando-se episódicas as retomadas. Com efeito, o cenário de expansão do capitalismo tornou-se restrito, nos anos de 1970, “marcado por um cenário de crise de acumulação e expansão e pela hipertrofia do capital financeiro, o que tende a ampliar e diversificar os meios de exploração do trabalho e barbarização da vida social” (Mota; Tavares, 2016, p. 229).

Contudo, como é sabido, quando o capital entra em crise, buscam-se meios para retomar o seu ciclo produtivo e reprodutivo. Assim, foram criadas estratégias que possibilitasse a recuperação das taxas de lucro, dentre as quais se iniciou um processo de reestruturação produtiva. Segundo Mota e Amaral (2010), o referido processo pode ser entendido como uma reorganização do papel das forças produtivas na recomposição do ciclo de reprodução do capital, o qual determina um conjunto de mudanças na produção de mercadoria, na realização do lucro e nas modalidades de gestão e consumo da força de trabalho. As autoras salientam, ainda, que a reestruturação produtiva exprime um ambiente de intervenção política das classes e do Estado nas condições de reprodução social, na medida em que as transformações, de ordem técnica e política, em busca de novas condições de acumulação, incidem, diretamente, na esfera das relações sociais.

Entende-se, então, que o processo de reestruturação produtiva e de reorganização do Estado, constituem uma das principais estratégias para o enfrentamento à crise do capital, na contemporaneidade que, por sua vez, incidem na sociedade ocasionando transformações no mundo do trabalho, nas quais, observa-se uma significativa heterogeneização, complexificação e fragmentação da classe trabalhadora, assim como, uma intensificação da extração do sobretrabalho, a partir da subproletarização do trabalho, presente nas várias formas de trabalho precário, parcial, terceirizado, subcontratado, vinculado à economia informal e ao setor de serviços (Antunes, 2015).

Com efeito, novas formas de precarização do trabalho vêm ocorrendo na contemporaneidade, provocadas pelas transformações no mundo do trabalho, as quais revelam



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

novos mecanismos de exploração e expropriação da força de trabalho, tais como: a degradação dos direitos sociais e trabalhistas, expressas pelo rebaixamento salarial e pelas novas modalidades de assalariamento marcadas pela exclusão total das formas de proteção social. Trata-se, então, de novas formas de assalariamento, totalmente, desregulamentadas e desprotegidas que representam o trabalho no século XXI, além do desemprego estrutural (Mota; Tavares, 2016).

Segundo o relatório Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo - Tendências 2023, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o desemprego global aumentou, ligeiramente, em 2023, cerca de 3 (três) milhões, resultando em 208 (duzentos e oito) milhões de desempregados(as) no mundo, o que corresponde a uma taxa de desemprego global de 5,8%. Esse aumento, provavelmente, implicará na inserção de mais trabalhadores e trabalhadoras em empregos de baixa qualidade, mal remunerados, precários e sem proteção social. Com efeito, este cenário se aprofunda na América Latina, pois, conforme a OIT, a região latino-americana perdeu cerca de 49,1 milhões de empregos entre 2019 e 2020, os quais, ainda, não foram recuperados. Em especial, no Brasil, no qual estudos apontaram o país com uma das piores taxas de desemprego da América Latina, em 2022 (Farinelli, 2022).

Registra-se, ainda, que é, precisamente, neste solo histórico de desemprego estrutural, precarização/desregulamentação do trabalho e de expropriação dos direitos sociais e trabalhistas que se situam a plataformização e a uberização do trabalho, compreendidas como fenômenos que têm sido fundamentais para o capital intensificar a exploração da força de trabalho no cenário contemporâneo de avanço das novas tecnologias no mundo do trabalho.

A plataformização do trabalho compreendida como a utilização de plataformas digitais para exercer atividades de trabalho, é um fenômeno que vem crescendo em escala global e abrangendo as mais diversas formas de ocupações laborais. De acordo com Rafael Grohmann (2020), fundamentado em Dardot e Laval, trata-se de assimilar a plataformização do trabalho como a dependência que trabalhadores(as) e consumidores(as) têm das plataformas digitais em um contexto de intensificação da flexibilização de relações e contratos de trabalho, bem como do imperativo de uma racionalidade empreendedora.

A uberização entendida como um fenômeno mais amplo, para além das plataformas digitais, é uma nova forma de organização e gestão da força de trabalho, que acarreta novas modalidades de trabalho e, na mesma medida, aprofunda o processo de precarização e desregulamentação do trabalho, visto que, este é marcado por um processo de flexibilização que



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

tem conduzido à perda dos direitos sociais, trabalhistas e previdenciários. Segundo Abílio (2020b, p. 111), a uberização do trabalho “se refere à materialização de décadas de transformações políticas do mundo do trabalho, apresentando-se como tendência que permeia, generalizadamente, o mundo do trabalho, possibilitando-nos pensar em termos de consolidação do trabalhador como trabalhador *just-in-time*”.

Neste sentido, compreende-se que o trabalho do(a)s entregadores(as) por aplicativos emerge do interior dos fenômenos da plataformização e uberização do trabalho, como a expressão de uma das diversas ocupações que dependem das plataformas digitais para exercer a atividade laboral e a consolidação do(a) trabalhador(a) sob demanda. Assim, entende-se que tanto a plataformização quanto a uberização representam os mecanismos contemporâneos para explorar a classe trabalhadora, mediante à perda dos direitos sociais, trabalhistas e previdenciários.

3. A INSERÇÃO DO(A)S TRABALHADORES(AS) NO TRABALHO DE ENTREGAS POR APLICATIVOS EM BELÉM-PARÁ: Uma análise dos principais determinantes para a sua expansão

Com vista a compreender, de forma particular, a expansão do trabalho de entregas por aplicativos na cidade de Belém-Pará, procurou-se analisar os motivos que levaram a inserção do(a)s trabalhadores/as no referido trabalho. Assim, para a maioria do(a)s entregadores/as pesquisado(as), a inserção no trabalho de entregas por aplicativos se deu pela situação de desemprego, ou seja, por um determinante econômico comum no mercado de trabalho na região que se apresenta mais grave para os jovens, com baixa taxa de ocupação e participação no mercado de trabalho, conforme pode ser evidenciado nos relatos abaixo:

Eu trabalhava como auxiliar administrativo em uma empresa. Terminou o contrato que eu tinha de 3 (três) anos, então, fiquei alguns meses sem trabalho e o trabalho por entregas em aplicativos foi uma alternativa para conseguir dinheiro (Entregador 02).

Foi uma necessidade...Eu estava desempregado. Eu entrei no período da pandemia. Eu trabalhava como agente de portaria, fui demitido e entrei no trabalho de entregas por aplicativos (Entregador 04).

Eu saí do meu emprego, em fevereiro de 2020, um pouco antes da pandemia. E foi, justamente, essa saída, porque estava difícil arranjar emprego nessa época e essa foi a saída que eu encontrei! (Entregador 07).

Os relatos acima evidenciam que o trabalho de entregadores/as por aplicativos se constitui estratégico para a inserção no mercado de trabalho, diante do desemprego que é inerente a lógica



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

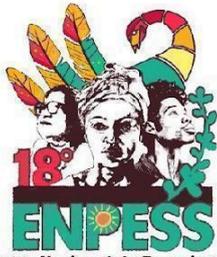
do próprio modo de produção capitalista que produz uma população trabalhadora excedente. Segundo Alves (2007), o desemprego problematiza, no plano da demanda, a condição de venda da força de trabalho enquanto uma mercadoria. O desemprego só existe porque o regime do trabalho assalariado é seu pressuposto, ou seja, a população só se encontra em situação de desemprego, porque foi expropriada dos meios de produção e, para se reproduzir, necessita vender a sua força de trabalho como mercadoria.

Assim, o desemprego, como expressão da desvalorização da força de trabalho como mercadoria, é necessário para a reprodução do sistema que, por não absorver a totalidade da força de trabalho disponível no mercado, constitui um exército de reserva (superpopulação relativa) que atende as necessidades de acumulação do capital, uma vez que, a compra e venda da força de trabalho desta população ocorre conforme os ditames de exploração dos donos dos meios de produção, paralelamente, a evidente funcionalidade de tensionamento e concorrência gerada entre o(a)s trabalhadores/as para diminuir o aumento do salário e dificultar a luta da classe trabalhadora, favorecendo, assim, para o incremento da exploração da força de trabalho.

Neste sentido, Antunes (1999) afirma que o desemprego, consequência da lógica destrutiva do capital e do seu modo de ser, se agudizou, exponencialmente, em dimensão estrutural no contexto da sua crise estrutural, conduzindo à reestruturação produtiva e às novas formas de gestão da força de trabalho, que vêm provocando profundas transformações no mundo do trabalho, nas últimas décadas, gerando um enorme contingente de trabalhadores/as em condições precarizadas e degradantes que avilta, ainda mais, a força humana de trabalho e revela o desemprego estrutural, como um claro exemplo do caráter destrutivo do capitalismo contemporâneo.

A propósito, Antunes (1999) ressalta, ainda, que, neste contexto caracterizado pelo desemprego estrutural e por novas formas de precarização do trabalho, se evidencia a existência de múltiplas formas de fetichização e reificação que incidem na subjetividade da classe trabalhadora e implicam em uma consciência não autêntica que repercutem de diferentes maneiras no trabalho e na vida do(a)s trabalhadores/as, conforme podem ser observadas nos relatos de alguns/mas entregadores/as, os/as quais alegam que ingressaram no trabalho de entrega por aplicativos por motivos que exprimem as falácias fetichizadas e reificadas dessa modalidade de trabalho:

(...) Porque ganha mais, eu trabalhava de empregado de carteira assinada, na Ceasa, descarregando carreta, há uns dois meses atrás, aí eu pedi demissão porque eu não aguentava mais receber ordem de chefe e nem ganhar o salário que eu ganhava lá, que era



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

no máximo R\$1.700 reais. Aqui, “puxando, puxando mesmo”, pegando 11 horas da manhã e largando 00:00, eu consigo fazer R\$3.200 por mês (Entregador 05).

Eu escolhi, na verdade, ser autônomo, trabalhar para mim mesmo, não gosto de trabalhar de carteira assinada. Porque, assim, eu consigo me estruturar muito melhor, consigo pagar minhas contas. Assim, eu mesmo faço o meu horário e as minhas metas. Dá para trabalhar bem e fazer uma meta boa no mês (Entregador 08).

Porque trabalhar no lfood é o mesmo que trabalhar para ti mesmo, e é melhor do que carteira assinada, na minha visão, né? Eu não quero e nem faço questão de trabalhar com carteira assinada, porque o lfood é bem melhor. Tem a liberdade, o dinheiro e não tem ninguém para te azucrinar (Entregador 10).

Pelo exposto, deduz-se, então, que o fetichismo da mercadoria faz com que determinadas formas de exploração da força de trabalho se transformem de forma enviesada em qualidades subjetivas, “enfeitçadas” (grifos nossos), sem que sejam problematizadas as repercussões negativas na vida do(a)s trabalhadores/as, como se essas qualidades fossem atributos próprios (Marx, 2014). Ademais, o fetiche da mercadoria incide na consciência humana, coisificando a, resultando no que Lukács (2003) denomina de reificação (coisificação), a qual ocorre tanto de maneira objetiva, quanto subjetiva na sociedade capitalista. Nota-se pelos relatos do(a)s entregadores/as, precisamente, o seu caráter subjetivo, nos quais, a aparente liberdade, autonomia, não ter um chefe para dar lhes ordens, acabam passando uma falsa ideia de “trabalho autônomo”, com diversas “qualidades” que dificultam uma apreensão da totalidade social e a formação da consciência de classe, influenciando na inserção das mencionadas formas de trabalho que cria, também, novas formas de fetichismo e reificação.

Registra-se, também, que alguns entregadores/as se inseriram nessas formas de trabalho, visando obter uma renda extra ou um complemento do seu salário, pois, se verificou que há entregadores/as que trabalham, somente, com as entregas por aplicativos, outro(a)s que se valem do serviço de entregas associado ao de passageiros por aplicativos e/ou algum “bico”, e aqueles/as que têm trabalho com carteira assinada, porém, utilizam o serviço de entregas por aplicativos para complementar a renda.

Constata-se, assim, que a maioria do(a)s entregadores/as pesquisado(a)s, ou seja, 12 (doze) trabalhadores/as possuem, apenas, o trabalho de entregas por aplicativos como fonte de renda, seguido de 3 (três) que dispõem do serviço de entregas como ocupação principal, mas, intercalam com o serviço de transporte de passageiros por motocicletas (Uber moto e 99 moto), e 3 (três) que alternam com bicos, sendo: 1 (um) como entregador de uma pizzaria e 2 (dois) como entregadores de lanche de uma lanchonete; há, também, 2 (dois) entregadores que têm vínculo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

empregatício e se valem do serviço de entrega com complemento de renda, nas horas vagas ou finais de semana, sendo estes: 1 (um) auxiliar de serviços gerais de uma clínica veterinária e 1 (um) auxiliar de padaria em uma rede de supermercados.

Assim, observa-se que o trabalho plataformizado e uberizado ganha espaço diante da gravidade do desemprego juvenil e/ou de baixos salários, apresentando-se como uma alternativa de geração de renda e como uma espécie de “porta de entrada” para esse segmento geracional no mundo do trabalho, não sendo, somente, o trabalho de entregas por aplicativos o foco desses trabalhadores, como, também, outros trabalhos subordinados por meio de plataformas digitais, como é o caso do transporte de passageiros por motocicleta. Contudo, constata-se, igualmente, que o trabalho de entregas por aplicativos não abrange, somente, os jovens sem perspectiva de inserção no mercado, mas, os adultos que têm emprego formal, apresentando-se como uma espécie de bico ou trabalho temporário, se constituindo uma opção por um trabalho, extremamente, precário, perigoso e inseguro, visando garantir a própria sobrevivência ou complemento de renda (Ferreira; Brandão, 2020; Sabino; Abílio, 2019; Abílio, 2020a).

Além do motivo que levou à inserção dos(as) entregadores(as) no trabalho de entregas por aplicativos, em Belém, assim como, se os mesmos/as exercem outras formas de trabalho procurou-se conhecer o tempo em que estes(as) trabalhadores(a)s estão inseridos(as) nesta modalidade de trabalho. Dessa forma, constatou-se que a maioria do(a)s entregadores/as por aplicativos pesquisado(a)s, ou seja, 9 (nove) trabalham há pouco tempo no serviço de entregas, não chegando a um ano trabalhado, seguido de 5 (cinco) entregadores/as que têm um ano de trabalho; 3 (três) que têm dois anos e 3 (três) que possuem 3 (três) anos. Assim, a maior parte do(a)s entregadores/as por aplicativos pesquisado(a)s se inseriram, no trabalho de entregas por aplicativos em Belém-Pará, no ano de 2022, seguido do ano de 2021, 2020 e 2019, respectivamente.

A inserção do(a)s entregadores/as por aplicativos, a partir do ano de 2019 revela o cenário brasileiro, nos últimos anos, evidenciado pela crise política e social que através da “reforma” trabalhista de 2017, mostra como a flexibilização dos direitos da classe trabalhadora facilita para as empresas instituírem formas de trabalho, cada vez mais precárias, haja vista que, devido à dificuldade de inserção no mundo do trabalho e com a impossibilidade de acesso a outras fontes de renda, gera-se uma dependência maior do(a)s trabalhadores/as que, despossuído(a)s de quaisquer direitos trabalhistas, acabam se inserindo nas formas de trabalhos plataformizado e uberizado, como exemplo, o trabalho de entregas por aplicativos (Ferreira; Brandão, 2020).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Convém destacar, também, a expansão do trabalho de entregas por aplicativos no auge do período da pandemia da Covid-19, ou seja, a partir de março de 2020 e no ano de 2021. Em um contexto no qual a crise estrutural do capital agravada pelo contexto pandêmico provocou o aumento do número de desempregado(a)s, no Brasil, que chegou ao recorde de 14,8 milhões de pessoas desempregadas, nesse período, segundo dados do IBGE (2020). Assim, o trabalho de entregas por aplicativo se estabeleceu como uma alternativa de ocupação que não prevaleceu, somente, neste período, mas, que se expandiu, sobretudo, a partir deste.

Por fim, com o propósito de compreender as múltiplas determinações que influenciam na inserção do(a)s trabalhadores/as, no trabalho de entregas por aplicativos em Belém-Pará, procuraram-se conhecer a concepção dos entregadores/as sobre esta forma de trabalho, sobretudo, bem como, às suas perspectivas sobre o trabalho de entregas por aplicativos. As concepções são diversas e chegam a ser até contraditórias. Alguns/algumas entregadores/as consideram o trabalho de entregas por aplicativos como um trabalho típico da sociedade capitalista, no qual o(a) trabalhador(a) precisa vender a sua força de trabalho em troca de um salário, para, então, se reproduzir, sendo, na visão deles, algo que possibilita a garantia de uma renda e, conseqüentemente, a sua subsistência:

Eu acho bem bacana, no meu caso, eu uni o útil ao agradável, porque eu gosto de andar de bicicleta, já tinha bicicleta, então, só uni as duas coisas. Eu vejo esse trabalho como uma forma de ajudar a quem não tem um emprego fixo, é uma alternativa bem agradável (Entregador 02).

Eu acho um trabalho ótimo para quem não está conseguindo um emprego, uma forma de sair da maldomia de ficar só em casa. Tem seus riscos, mas.... (Entregador 09).

Observa-se pelo relato dos entregadores que frases como: “trabalho bom”, “alternativa ao desemprego” e “oportunidade de conseguir renda” aparecem com frequência, o que permite a compreensão de que a precarização no mundo do trabalho chegou em nível tão exacerbado que até um trabalho, extremamente, precário, em condições que chegam a comprometer a sua saúde e expor a riscos, aparece como algo benéfico aos trabalhadores, visto que possibilita pelo menos, um meio para manter a sobrevivência. Os relatos acima revelam que a luta da classe trabalhadora pela sua subsistência, faz com que haja sujeição a qualquer condição e situação de trabalho, explicitando que “a necessidade de sobreviver desempenha, é óbvio, um papel fundamental nesta domesticação dos trabalhadores homens e mulheres” (Saffioti, 1987, P. 56).

Ademais, importa registrar que a concepção do(a)s entregadores(as) sobre o trabalho de entregas por aplicativos em Belém-Pará, é permeada por fortes ideologias, na medida em que



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

concebem essa forma de trabalho como: Liberdade, flexibilidade e autonomia, conforme pode ser observado nos relatos, abaixo:

É um meio que ajudou muita gente, tem as suas dificuldades, mas, ajuda muito. Porque tem uma certa liberdade de escolher o teu horário, de desligar e ligar a hora que tu quiseres. Tanto que hoje em dia, eu já recusei um trabalho de carteira assinada para continuar no aplicativo. Eu acho mais viável a liberdade de escolher horário (Entregador 07).

É bom, hoje, eu não largaria o trabalho de entrega por um trabalho de carteira assinada, eu não me submeteria. Por mais que seja cansativo, a gente pega sol e chuva, mas, eu não largaria para pegar um trabalho que paga um salário mínimo que não dá para nada, o custo de vida tá altíssimo! (Entregadora 13).

Para ser sincero, eu não reclamo, porque eu acho uma taxa boa, a empresa dar os requisitos para trabalhar, né?! Você tem o livre arbítrio de trabalhar ou não, e também, tem a questão da comodidade, de você escolher seu horário, se quiser vim você vem, não tem pressão! (Entregador 20).

Os relatos acima evidenciam, claramente, a funcionalidade da ideologia que conduz os/as entregadores/as por aplicativos, a um ocultamento da realidade, fazendo com que o processo fetichização e coisificação do capital, não seja percebido pelos/as trabalhadores/as. A ideologia se apresenta, a partir de um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, fazendo com que o processo de exploração da força de trabalho seja velado, as contradições sociais sejam obscurecidas e as desigualdades se apresentem de forma "natural" e "aceitável".

Segundo Chauí (2008), esse ocultamento da realidade é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política, fatores essenciais para a lógica do sistema capitalista que no trabalho de entregas por aplicativos têm uma finalidade primordial de endossar a sujeição do(a)s entregadores/as, nesta forma de trabalho, passando uma ideia de "liberdade", "não depender de ninguém", "maleabilidade", "ter o livre arbítrio", o que não corresponde, efetivamente, na realidade do(a)s entregadores/as, visto que, no cotidiano laboral, estão subordinados ao controle e a gestão das plataformas digitais expressas no trabalho uberizado.

Assim, percebe-se que as fortes ideologias que permeiam o trabalho de entregas por aplicativos com o discurso de "liberdade de fazer seu horário", "trabalhar para você mesmo", "não ter chefe para dar ordens", influenciam, de alguma forma, na inserção de trabalhadores/as, nesta modalidade de trabalho, haja vista que, se observa uma "preferência" (grifos nossos) desta forma de trabalho em detrimento do trabalho formal, devidamente, regulamentado. Ademais, o capital se vale dessas ideias não, somente, para mascarar as contradições desta modalidade de trabalho e obter a adesão da(o)a trabalhadores/as, mas, também, para criar a falsa ideia de trabalho

autônomo e contornar a regulação do trabalho, ou seja, criar obstáculos para o estabelecimento das normas protetivas do trabalho e se isentar das responsabilidades trabalhistas (Machado; Zanoni, 2022).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou compreender a expansão do trabalho de entregas por aplicativos no município de Belém-Pará, para tanto, se propôs a analisar os principais determinantes que influenciam na inserção e, conseqüentemente, na expansão da referida forma de trabalho. Assim, constatou-se que o avanço da ofensiva do capital marcada por um contexto de crise econômica, aprofundamento das desigualdades sociais, aumento do desemprego e da informalidade, implicam no crescimento de trabalhos precários e desprotegidos, dentre quais, observa-se que o trabalho plataformizado e uberizado, em particular, o trabalho de entregas por aplicativos se torna um fenômeno social com grandes proporções e em constante expansão (Sabino; Abílio, 2019).

Neste estudo, foi possível observar as múltiplas determinações que influenciam na expansão do trabalho de entregas por aplicativos no município de Belém-Pará, dentre quais pode-se mencionar:

a) Determinantes econômicos, nos quais o monumental desemprego estrutural é um forte aliado na inserção de trabalhos inseguros e precários, a exemplo do trabalho de entregas por aplicativos, incidindo, diretamente, na expansão do referido trabalho; fazendo destaque para a sua expansão no contexto da pandemia da COVID-19, quando o referido trabalho se estabeleceu como uma alternativa de ocupação que não prevaleceu, somente, neste período, mas, que cresceu a partir deste.

b) Determinantes políticos, nos quais, destaca-se que o Brasil, desde meados da década de 1990, vivencia a programática neoliberal que no decorrer dos anos vem se apresentando como ultraneoliberal, marcada por um conjunto de políticas que tem implicado na redução da atuação do Estado no âmbito social, na privatização das empresas estatais, na abertura do mercado para o capital estrangeiro e na flexibilização das leis trabalhistas, gerando, assim, profundos impactos para o(a)s trabalhadores/as. Esse quadro se agravou, consideravelmente, com a implementação da Lei n.º 13.467 de 2017, conhecida como Reforma Trabalhista que alterou a Consolidação das Leis do Trabalho, “flexibilizando” a legislação às novas relações de trabalho.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

c) Determinantes sociais com a disseminação de mecanismos ideológicos que concebem o trabalho de entregas por aplicativos como autônomo, no qual o(a) trabalhador(a) pode “fazer o seu horário” “trabalhar para si mesmo” e “ser o seu próprio patrão”, o que acaba influenciando, em alguma medida, na inserção e manutenção nessa forma de trabalho.

Portanto, feito os desvelamentos de algumas das múltiplas determinações que influenciam na expansão do trabalho de entrega por aplicativos em Belém-Pará, compreende-se que os elementos realizados, neste estudo, serão de suma importância para o conhecimento concreto da realidade do(a)s entregadores/as por aplicativos em Belém-Pará, os quais vislumbram questionar e tensionar a ordem vigente em busca de uma nova sociabilidade, sem a exploração de classe, raça/etnia e gênero.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Plataformas digitais e uberização: globalização de um Sul administrado? **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 12-26, abr./jul. 2020a.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? **Estudos Avançados**. 34 (98), 2020b.

AGÊNCIA IBGE. **Em 2022, 1,5 milhão de pessoas trabalharam por meio de aplicativos de serviços no país.** 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38160-em-2022-1-5-milhao-de-pessoas-trabalharam-por-meio-de-aplicativos-de-servicos-no-pais#:~:text=No%204%C2%BA%20trimestre%20de%202022%2C%20o%20Brasil%20tinha%201%2C5,%2C%20milh%C3%B5es%2C%20no%20per%C3%ADodo.>

ALVES, Giovanni. **Dimensão da reestruturação produtiva:** ensaios de sociologia do trabalho. 2ª ed. Londrina, Práxis, Bauru: canal 6, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do Trabalho.** Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

DANTAS, Abilio. **O número de entregadores de aplicativos cresceu 60% durante a pandemia, estima Fenamoto-PA.** 2021. Disponível em: <https://www.oliberal.com/economia/numero-de-entregadores-de-aplicativos-cresceu-60-durante-a-pandemia-estima-fenamoto-pa-1.416584.> Acesso em: 22 de março de 2022.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Democracia e Mundo do Trabalho em debate. **Em dados, a uberização da vida.** 2023. Disponível em: <https://www.dmtemdebate.com.br/em-dados-a-uberizacao-da-vida/>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

FARINELLI, Victor. **Estudo prevê que Brasil terá a pior taxa de desemprego da América Latina em 2022.** GGN, 2022. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/trabalho/estudo-preve-que-brasil-tera-a-pior-taxa-de-desemprego-da-america-latina-em-2022/>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

FERREIRA, José Victor Magalhães; BRANDÃO, André. **UBERIZAÇÃO, A NOVA CLASSE DE TRABALHADORES.** *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação.* São Paulo, v. 6.n.12, dez. 2020.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. *Revista Eptic*, vol. 22, nº 1, jan.-abr. 2020.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe:** estudos sobre a dialética marxista; Tradução Rodnei Nascimento; Revisão da tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACHADO, Sidnei; ZANONI, Alexandre Pilan. **introdução In: O trabalho controlado por plataformas digitais:** dimensões, perfis e direitos [meio eletrônico] / Sidnei Machado, Alexandre Pilan Zanoni (organizadores); - UFPR - Clínica Direito do Trabalho: Curitiba, 2022.

MARX, Karl. **O Capital.** Livro I. São Paulo: Boitempo, 2014.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. - 1.ed. revista. - São Paulo: Boitempo, 2011.

MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Ângela Santana do. **A reestruturação do capital, fragmentação do trabalho e serviço social.** *Revista & debate*, 2010, nº 33. Disponível em: www.ts.ucr.ac.cr. Acesso em: 07 de abril de 2022.

MOTA, Ana Elizabete; TAVARES, Maria Augusta. **Trabalho e expropriações contemporâneas.** In: *Cenários, contradições e peijas do serviço social brasileiro.* MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Ângela (org.). São Paulo: Cortez, 2016.

SABINO, André Monici; ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: o empreendedorismo como novo nome para a exploração. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 109-135, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho.** Ed. Moderna: São Paulo, (coleção polêmica), 1987.